

Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO

Curso de Letras Inglês e literaturas de língua inglesa

HISTORY LESSON, DE JEANNETTE ARMSTRONG SOB PERSPECTIVA PÓS-COLONIALISTA

Jean Pruchniak

itsnotfear@hotmail.com

Orientadora: Doutora Neide Garcia Pinheiro

neidinha_2005@hotmail.com

linha de pesquisa: literatura de língua inglesa, Estudos Pós-Coloniais

RESUMO: Este trabalho apresenta uma leitura de “History lesson” de Jeannette Armstrong. Esse poema, que faz parte de *Blue against White* (1993), tem como enfoque questões referentes à colonização da América do Norte, apontando para os grandes problemas que afetaram e ainda afetam, principalmente, as nações indígenas do continente. Sobretudo, o poema apresenta uma perspectiva histórica com relação a duas diferentes epistemologias, a indígena e a européia. Dessa forma, esta interpretação do poema se apóia em perspectivas teórico-críticas oferecidas pelos Estudos Pós-Coloniais.

Palavras chave: colonização, perspectiva histórica, Pós-Coloniais

ABSTRACT: This work presents a reading of "History lesson", written by Jeannette Armstrong. This poem, which is part of *Blue against White* (1993), has as its focus issues related to the colonization of North America, pointing to the major problems that have affected and still affect the indigenous nations of the whole continent. Above all, the poem presents a historical perspective related to two different epistemologies, the indigenous and European. Thus, this interpretation of the poem relies on critical-theoretical perspectives offered by the Post-Colonial Studies.

Keywords: colonization, historical perspective, Postcolonial

Introdução:

“History lesson” de Jeannette Armstrong, um dos poemas de sua obra *Blue against White* e também aparece em outras obras da autora *Breath Tracks* (1991), “Trickster Time” in *Voices: Being Native in Canada*. (1992), tem como ‘ pano de fundo’ alguns eventos históricos, como o próprio título, em português ‘aula de história’, sugere. Este trabalho tem como objetivo analisar esse poema sob uma perspectiva da teoria e crítica poscoloniais. Dessa forma, este estudo provê uma interpretação quanto à forma como Armstrong aborda determinados temas, tais como a contestação da história oficial e a afirmação cultural aborígine diante da imposição da cultura européia.

A autora, uma aborígine do povo Okanagan, nasceu em 1948 e cresceu na reserva indígena Penticton em British Columbia, região oeste do Canadá. Armstrong é uma das primeiras romancistas indígenas do Canadá. Enquanto crescia na reserva indígena, Armstrong recebeu uma educação Okanagan tradicional que incluía o aprendizado da língua nativa a qual ela ainda é uma falante fluente.

Em 1978, recebeu seu diploma de Bacharel em Belas Artes pela Universidade de Victoria. No mesmo ano, ela recebeu um Diploma de Belas Artes de Okanagan College. Sua educação foi um fator precursor de muitas realizações em sua carreira notável. Hoje, Armstrong é escritora, professora, artista, escultora e ativista pelos direitos dos indígenas e também de outras minorias no Canadá e no exterior.

Aos quinze anos, Armstrong descobriu que tinha um talento e um interesse em escrever, quando seu poema “John F. Kennedy” foi publicado em um jornal local. Desde então, sua escrita tem como objetivo revelar verdades sobre si mesma e seu povo para um mundo que sempre os viu com preconceito e desconfiança. Diz ela em entrevista a uma revista canadense:

O processo de escrever como uma pessoa indígena tem sido uma cura para mim, porque eu descobri o fato de que eu não sou uma selvagem e não sou suja e feia, e não menos inteligente do que um branco porque eu tenho a pele marrom, ou um jeito de viver nativo. (HALL, David E, 2004, p 9. , tradução nossa)

No entanto, ela sabe que é difícil para os povos indígenas se orgulharem de sua herança, enquanto vivem em uma sociedade que é exclusivamente focada em filosofias e ideais europeus. Normalmente, as crianças indígenas são ensinadas em escolas públicas que as filosofias brancas de classe média e consumista são "boas" e as crenças indígenas são "más". Para ajudar a erradicar esses estereótipos do nativo bêbado e ignorante, Armstrong educa as pessoas sobre as tradições da sociedade Okanagan e indígena em geral. Em 1978, Armstrong começou a trabalhar como escritora e pesquisadora do En'owkin Center, um centro cultural e educacional operado exclusivamente pela Nação Okanagan. Conforme ela afirma, o objetivo do centro é "gravar e perpetuar e promover o 'nativo', no sentido cultural, na educação e em nossas vidas nas comunidades." (HALL, David E, 2004, p.11 , tradução nossa). Esse projeto inovador ajuda as crianças não indígenas a aprender sobre a cultura Okanagan. Os Okanagans são auxiliados a desenvolver um currículo de história para ser usado nas escolas públicas. Armstrong afirma que é essencial para o nativo contar sua própria história. Ela afirma com veemência:

A única versão correta tem que ser do nosso povo! Ninguém mais pode dar a versão correta, mas o nosso povo. E nós vamos ficar com isso! (HALL, David E, 2004, p.11 , tradução nossa)

Armstrong também ajuda na capacitação de todos os povos nativos, ensinando-lhes habilidades de escrita. Em 1989, ela tornou-se a diretora da Escola En'owkin de Redação Internacional, onde leciona redação. A escola é afiliada à Universidade de Victoria e é gerida e operada exclusivamente por povos nativos. Na escrita, um dos obstáculos para eles é o expressar-se sem o uso da narrativa oral, em que o corpo e a voz são usados. Armstrong afirma " quando você remove o corpo e coloca um pedaço de papel em seu lugar, o que acontece? Como você compensa essa perda do corpo?". Assim, continua Armstrong, a "escola de escrita" explora "como substituir o corpo pelo escrito." (HALL, David E, 2004, p. 12 , tradução nossa)

A poeta também está preocupada com a preservação das terras indígenas. Como uma ativista indígena dos direitos civis, luta pelo direito dos povos indígenas de manter as terras que legalmente lhes pertencem. No entanto, para ela, o problema se

[Digite texto]

estende muito além propriedade da terra, compreendendo outras questões complexas, tais como, a degradação da cultura indígena e o sentimento de inferioridade do nativo diante da cultura dominante.

O maior desejo da escritora é incluir os jovens entre seus leitores, pois esses são os que mais sofrem com o aculturamento e a falta de perspectiva de vida, quer educá-los sobre a cultura e história indígena. Por essa razão publicou seu primeiro romance, *Slash (1990)*, que tem como protagonista um jovem rapaz do povo Okanagan, Thomas Kelasket, que está em busca de si mesmo. Com esse romance, Armstrong busca fazer com que o público jovem se interesse pelo assunto.

As taxas de suicídio e problemas que nosso povo está tendo são o resultado do ser dito ao nativo; que você é estúpido, ignorante, um bêbado, você nunca vai ser nada na vida -. Só porque você é indígena. Para mim, essa é a maior mentira de todas, que precisa ser apagada de nossas vidas. (HALL, David E, 2004, p.11 , tradução nossa)

Por meio de sua escrita, Armstrong oferece uma representação das duras realidades da vida indígena. Mas também apresenta uma perspectiva otimista para as pessoas, acreditando que as "conexões" entre povos indígenas e europeus podem ser feitas. Ao viajar para oficinas, palestras e congressos no Canadá, EUA e Europa, ela tem visto e experimentado a conexão entre as pessoas em primeira mão. Assim ela afirma:

Se podemos nos conectar a esse nível entre as pessoas, entre os indivíduos, entre os sexos, raças ou classes, que é o que vai fazer a diferença e trazer a cura que nós seres humanos temos que ter para nos aproximar. .. Não vai ser a política que vai ligar as pessoas. Para tocar e entender um ao outro é colmatar as nossas diferenças. (HALL, David E. 2004, p.9 , tradução nossa)

Dessa forma, conforme se observa acima, a história de vida de Armstrong, bem como as temáticas abordadas em “History Lesson”, possibilita que se analise e interprete o poema sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais, principalmente em relação à revisão histórica da colonização do continente americano. Assim, o que segue é uma revisão de conceitos que são importantes para este trabalho, especialmente no que diz respeito à crítica e teoria pós-colonial.

Barry (1995) afirma que a teoria pós-colonial consiste da análise, estudo e crítica do legado do colonialismo e do imperialismo nas culturas dos povos que foram colonizados. Sendo assim, ela pode ser aplicada à leitura e análise da literatura produzida em países que outrora foram colônias de outros países, especialmente de nações Européias, potências coloniais, tais como a Inglaterra, a França, a Espanha, Portugal e a Holanda. Em alguns contextos, inclui também territórios que ainda estão sob regime colonial. E pode abranger também a interpretação da literatura escrita por cidadãos de países colonizadores que, em suas narrativas, representam os povos colonizados.

Nesse sentido, a crítica literária pós-colonial surgiu como categoria independente apenas nos anos de 1990. Essa crítica rejeita as reivindicações ao universalismo feito em nome da literatura ocidental canônica e procurar mostrar suas limitações de visão, especialmente a sua incapacidade de olhar para além das fronteiras de diferenças culturais e étnicas. Essa teoria também tenta mostrar como tal literatura é muitas vezes evasiva e mantêm-se em silêncio sobre assuntos relacionados com a colonização e ao imperialismo. Dessa forma, a crítica literária pós-colonial retoma questões de diferença e diversidade examinando seu papel em obras literárias que são consideradas representativas da literatura universal.

Apesar de ter surgido como categoria independente, somente a partir dos anos de 1990, a crítica literária Pós Colonialista tem como base obras bem mais antigas, de autores como; *Discourse on Colonialism* (1950) de Aimé Césaire, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, (1952) de Frantz Fanon, *Orientalismo* (1978) de Edward Said. Falaremos um pouco de Pós Colonialismo partindo das ideias de Edward Said em sua obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (1978), apesar da obra ter como foco a colonização européia no oriente, muitas das idéias expressas por Said sobre os temas colonização e pós-colonização, podem ser aplicados perfeitamente a análise de *History Lesson*.

Said (1978) destaca que a tentativa européia de representar o “outro”, o não europeu, é quase sempre preconceituosa e distorcida. Que o oriente é nada mais que uma invenção do Ocidente e que as idéias desenvolvidas pelos assim chamados “orientalistas” no século XIX sobre o mundo oriental sempre foram processos baseados em preconceitos e com interesses imperialistas, esse conceito pode ser aplicado também

[Digite texto]

aos povos africanos e aos nativos americanos. Sempre tentando diminuir o “outro” sua cultura e modo de vida para assim dominá-lo mais facilmente através dessa grande alienação. Para Said, do ponto de vista psicológico, o orientalismo e o colonialismo nada mais são que duas “grandes paranóias”. Crê o autor que a própria literatura e arte produzida no Ocidente tende a corroborar este pensamento. O autor cita como exemplo, passagens da *Divina Comédia*, do italiano Dante Alighieri, em que o profeta Maomé é representado como “morador do inferno”. Said também cita *O mercador de Veneza* de William Shakespeare em que o personagem judeu Shylock é representado como um agiota cruel e sanguinário que tenta ferir o jovem Antonio que é cristão, para escapar da punição que foi condenado Shylock se vê obrigado a converter-se ao cristianismo. Desta forma, o estudioso explicita que não podem ser adotados de forma plena nem filosófica os pensamentos e visões orientalistas, sob risco de tomar por realidade o que constitui, tão somente, uma visão distorcida.

Mas temos provas de seus danos: aceitar o nativismo é aceitar as consequências do Imperialismo, as divisões raciais, religiosas e políticas impostas pelo próprio Imperialismo. Deixar o mundo histórico à metafísica de essências como a négritude, a “irlandidade”, o islamismo ou o catolicismo, é abandonar a História em favor de essencializações que tem o poder de instaurar a cizânia entre os seres humanos; muitas vezes esse abandono do mundo secular leva a uma espécie de milenarismo, caso o movimento disponha de uma base de massas, ou numa aceitação irrefletida de estereótipos, mitos, animosidades e tradições estimuladas pelo Imperialismo.(SAID, 2003:288)

O Pós Colonialismo também dialoga com muitas outras teorias como o Pós Estruturalismo, assim é muitas vezes uma teoria híbrida. No que se diz respeito a Pós-colonialismo, pós-estruturalismo e hibridismo, destacamos o indiano Homi Bhabha;

A relação íntima entre o pós-colonialismo e o pós-estruturalismo possibilitou uma série de investigações no âmbito das ideias. Robert Young (1990), por exemplo, destacou um Homi Bhabha leitor de Foucault. Dentro deste escopo geral de análise, mas enfatizando um lado mais criativo deste tipo de apropriação intelectual, este ensaio ocupa-se da ligação que Bhabha procurou estabelecer entre o seu pensamento e o do martiniquense Frantz Fanon (1925-1961), intelectual orgânico dos movimentos de descolonização na África. Afinal, se existe algum Pós-Colonialismo em Bhabha, para além da ótica da desconstrução, é aí que ele deve ser procurado. (BARBOSA, 2012, p.219)

O pós-colonialismo através da literatura celebra o hibridismo e “polivalência cultural” (BARRY, 1995 p.191). Isto é, a literatura pós-colonial enfoca na situação em que indivíduos e grupos pertencem simultaneamente a mais de uma cultura, desenvolvendo uma perspectiva, não apenas aplicável às literaturas pós-coloniais, pelo qual os estados da marginalidade e da pluralidade são vistos como fontes de energia inovadora e potencial. A teoria e crítica poscolonial não vê influência européia em outras culturas apenas como algo ruim, pois da mistura de culturas e idéias nasceram muitas culturas híbridas, e é esse hibridismo cultural que atrai pensadores como Bhabha.

O hibridismo representa aquele “desvio” ambivalente do sujeito discriminado em direção ao objeto aterrorizante, exorbitante, da classificação paranóica – um questionamento perturbador das imagens e presenças da autoridade.

[...] O hibridismo não tem uma perspectiva de profundidade ou verdade para oferecer: não é um terceiro termo que resolve a tensão entre duas culturas, ou as duas cenas do livro, em um jogo dialético de “reconhecimento”.

[...] O hibridismo é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que outros saberes “negados” se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento.

(BHABHA, 1998, p. 165).

O hibridismo cultural se faz presente nas obras de Armstrong, pois ela é uma nativo-americana tendo sua língua e sua cultura própria, mas que convivendo em meios que não são indígenas, como o ambiente universitário onde trabalha. Ela compõe suas obras em língua inglesa, representando assim sua cultura, mas em uma língua que não é a de seu povo. No entanto essa questão lingüística torna-se bastante complexa. Nos termos de Armstrong.

O colonialismo e toda a opressão resultante de suas ações e seus efeitos sobre as pessoas colonizadas e oprimidas fornecem o pano de fundo para os trabalhos de Jeannette Armstrong, Embora o resultado da opressão sejam semelhantes para indivíduos e grupos, há uma infinidade de maneiras de tentar lidar com essa realidade, e assim explorá-las e representá-las na literatura e fora dela.

[Digite texto]

Desenvolvimento:

Apresentamos a seguir o poema completo de Armstrong, com o objetivo de uma melhor visualização das imagens que os versos sugerem, bem como para facilitar o processo de análise.

History lesson

Out of the belly of Christopher's ship (1)

A mob burst (2)

Running in all directions (3)

Pulling fur off animals (4)

Shooting buffalo (5)

shooting each other left and right (6)

Father mean well waves his makeshift wand (7)

forgives saucer-eyed Indians (8)

Red coated knights gallop across the prairie (9)

to get their men (10)

and to build a new world (11)

Pioneers and traders bring gifts (12)

Smallpox, Seagrams and Rice Krispies (13)

Civilization has reached the promised land (14)

Between the snap crackle pop of smoke stacks (15)

And multi-colored Rivers (16)

swelling with flower powered zee (17)

Are farmers sowing skulls and bones (18)

and miners pulling from gaping holes (19)

Green paper faces (20)

of a smiling English lady (21)

the colossi in which they trust (22)

while burying (23)

[Digite texto]

breathing forests and fields (24)
beneath concrete and steel (25)
Stand shaking fists (26)
Waiting to mutilate whole civilizations (27)
ten generations at a blow (28)

Somewhere among the remains (29)
of skinless animals (30)
is the termination to a long journey (31)
and unholy search (32)
for the Power (33)
glimpsed in a garden (34)
forever closed (35)
forever lost (36)

Conforme se observa, o poema é composto de trinta e seis versos distribuídos em cinco estrofes. Há poucas rimas, todas internas. A estrutura não apresenta muita complexidade, mas há um desalinhamento da métrica e sintaxe da composição. Esse desalinhamento é obtido por meio de *enjambements*. Essa quebra rítmica sugere certa fragmentação que condiz com alguns dos temas comuns no que diz respeito à construção de identidade indígena. Mas também pode aludir a pausas na voz, na respiração, na entoação do poema. Armstrong também utiliza aliterações, especialmente consonâncias, que ressaltam a musicalidade do poema.

Com relação ao conteúdo, à primeira leitura, já se observa que o poema se reporta a eventos históricos, fazendo, inicialmente, uma referência ao descobrimento da América. A seguir o eu poético apresenta, ainda que em termos de alusão, acontecimentos subsequentes à chegada de Colombo, tais como, a catequização dos indígenas, a expansão colonial, as disputas por territórios, a industrialização e o capitalismo. Outro ponto que o poema interroga é a imposição linguística da língua do dominador e colonizador ao dominado e colonizado, sendo que essa dominação não se ocorre apenas em relação à língua, ao idioma, mas também em termos de narrativa. O colonizador impõe sua maneira de narrar, de ver e representar o mundo ao colonizado e

rebaixa a maneira do colonizado de narrar a uma forma inferior sem valor, tida como “infantil”.

O primeiro verso do poema faz referência a Cristóvão Colombo, que, segundo se acredita, foi o primeiro europeu a chegar às terras americanas em 1492. Colombo era um comandante genovês, a serviço do rei da Espanha e tentava encontrar uma rota nova para se alcançar as Índias (atual Índia e extremo oriente). No entanto a crença que Colombo descobriu a América é questionada por vários estudiosos, pois como se sabe Colombo estava à procura de uma rota para as Índias e não de um novo continente. Perdido em alto mar com sua tripulação Colombo “tropeçou” na América.

Após navegar pelo Oceano Atlântico, o explorador genovês Cristóvão Colombo avista a ilha Guanahani, hoje Bahamas, em 12 de outubro de 1492. Acreditando ter atingido a Ásia Oriental, a expedição reivindicou a terra para Isabel e Fernando, os reis católicos da Espanha, que patrocinaram a tentativa de encontrar uma rota oceânica para a China e a Índia e as fantasiosas ilhas de ouro e especiarias da Ásia. (Hoje na História: 1492, Cristóvão Colombo descobre a América)

Sua chegada ao que seria a América é tratada com bastante ironia pela autora que se refere a ele pelo nome de batismo Christopher (Cristovão) ao invés de Colombo, também se refere a sua embarcação como se esta tivesse uma barriga, *out of 'belly' of Christopher's ship* e dando assim a entender que de dentro dessa barriga saíram aqueles que conquistariam o continente, como se a chegada de Colombo fosse o “parto”, o nascimento caótico da América. Assim, o poema de Armstrong “desmonumentaliza” o evento do descobrimento da América e desconstrói as grandes narrativas sobre o feito de Colombo.

Em seguida o poema continua com *A mob burst (uma multidão explode)* e *Running in all directions (correndo em todas as direções)*, fazendo assim referência a ocupação das terras americanas pelos colonos europeus nos séculos subsequentes a chegada de Colombo. O eu poético ironiza a chegada desenfreada de colonos para ocupar as “terras sem dono e selvagens” da América recém descoberta. Também há ironia à forma com que os colonos se espalharam pelas terras do Novo Mundo, de maneira desordenada sem planejar nem as ações nem as consequências, literalmente, como se estivessem correndo em todas as direções sem controle.

A degradação das terras e da natureza americana é representada no verso *Pulling fur off animals* (arrancando fora a pele dos animais). Highway (...) afirma que para as civilizações indígenas a natureza em si é sagrada, os homens fazem parte dela e só podem retirar desta a parte que lhes cabe, em outras palavras, o suficiente para sobreviver, alimentar-se e alimentar sua família. No entanto a civilização européia não pensava assim, quando os europeus chegaram à América muitas das terras americanas ainda eram “virgens” intocadas pelo homem, rapidamente os bosques foram derrubados, campos arados, rios sujos com dejetos e os animais caçados, pois, para os ideais europeus a natureza foi feita para ser explorada pelo homem, e assim fizeram os colonos, exploraram e degradaram as terras antes intocadas.

Shooting buffalo, (atirando em búfalos) também faz referência a caça de animais, mas comparado ao verso seguinte, *shooting each other left and right* (atirando uns aos outros a torto e a direito), pode-se afirmar que a ocupação do Novo Mundo se deu de maneira tão desordenada que atiravam uns nos outros da mesma maneira que atiravam em animais. Conforme propõe Froude (1860) “Os animais selvagens nunca matam por divertimento. O homem é a única criatura para quem a tortura e a morte dos seus semelhantes são divertidas por si.” O poema sugere que para a ganância européia sedenta por terra e riquezas a vida de homens tinha o mesmo valor que a de um búfalo ou outro animal qualquer e que portanto matar não seria nem um crime.

Father mean well waves his makeshift wand/ forgives saucer-eyed Indians, são os dois primeiros versos da segunda estrofe do poema, aqui podemos inferir que o Eu poético faz referência a religião, à imposição do cristianismo às civilizações ameríndias e o contraste entre as crenças cristãs européias e as crenças não-cristãs dos nativos. A palavra *father* pode referir-se tanto ao Deus (o deus cristão no caso), quanto aos padres ou outros sacerdotes enviados às novas terras para catequizar os “selvagens”. A tradução ou, melhor dizendo, a adaptação destes dois versos para a língua portuguesa é bastante complicada de ser feita, mas podemos tentar interpretar como; “o padre diz o que é certo sacode sua varinha mágica/ perdoa o índio curioso”. (*saucer-eyed* pode-se traduzi-lo como; olhos arregalados, grandes e redondos como um pires, pires em inglês *Saucer*. Olhos arregalados provavelmente de curiosidade ou surpresa com os europeus). Sobre o estranhamento da crença cristã por parte dos nativos, o escritor nativo Tomson Highway fez a seguinte observação sobre a fé e a sociedade ocidental em seu ensaio [Digite texto]

Comparing Mythologies (2003); "Há uma falha grave na sociedade ocidental. Ela abre espaço para um único deus, e em apenas um gênero. Não há equilíbrio. Nenhuma coexistência, nenhuma parceria". Os europeus julgavam que os nativos não tinham nenhuma religião, pois julgavam suas crenças bárbaras, indignas de serem chamadas religiões. Ingênuos e sujeitos a "superioridade" européia como destaca Todorov;

Fisicamente nus, os índios também são, na opinião de Colombo, desprovidos de qualquer propriedade cultural: caracterizam-se, de certo modo, pela ausência de costumes, ritos e religião; [...] são " [gentes] muito pacíficas e medrosas, nuas, sem armas e sem leis [...] não são de nenhuma seita (TODOROV, 2003, p.49)

Ainda nessa estrofe o poema continua com; *Red coated knights gallop across the prairie/ to get their men/ and to build a new world* (cavaleiros de casacos vermelhos galopam seus cavalos através da pradaria/ para agrupar seus homens/ e construir um novo mundo). Essa parte narra principalmente a colonização inglesa. Inferimos isso a partir da expressão *red coated Knights*, cavaleiros de casacos vermelhos. Casacos vermelhos eram tipicamente usados pelos soldados britânicos dos séculos XVII, XVIII e XIX. "Para agrupar seus homens", os soldados ajudavam os colonos a "se agruparem" em um local, protegendo-os dos "selvagens" e também de colonos de outras nações européias. Protegidos e "agrupados" os colonos podiam assim estabelecer suas colônias, "construir um novo mundo", ou seja, construir casas, vilas, estradas de ferro, cidades etc.

A terceira estrofe pode ser considerada como a que mais apresenta ironia por parte do eu poético, *Pioneers and traders bring gifts/ Smallpox, Seagrams and Rice Krispies/ Civilization has reached the promised land* (pioneiros e comerciantes trazem presentes/ varíola, *Seagrams* [marca de bebida alcoólica] e *Rice Krispies* [marca de cereal] / a civilização alcança a terra prometida). O contato entre a civilização européia e a civilização nativo-americana foi muito maléfico especialmente para os nativos. As doenças, tais como, a varíola e a gripe, transmitidas pelos europeus dizimaram civilizações nativas inteiras. Mataram mais do que o fizeram as armas de fogo. O alcoolismo foi outro problema gerado pelos europeus. Assim a marca de cereal mencionada no poema pode fazer referência à nova dieta introduzida pelos colonos em

[Digite texto]

detrimento dos antigos hábitos alimentares baseados em caça, pesca e frutos silvestres. A estrofe é concluída com o verso “A civilização alcança a terra prometida”. No contexto do poema como um todo esse verso pode ser considerada irônico, uma vez que a civilização, conforme representada pelos versos de Armstrong, imposta ao Novo Mundo, gerou problemas e malefícios.

Between the snap crackle pop of smoke stacks. Este verso oferece desafios para a tradução em português. O mais próximo que conseguimos foi (entre o crepitar de chaminés) nesta parte o eu poético refere-se à degradação que o Novo Mundo sofreu após a descoberta, fica ainda mais evidente se citarmos os versos seguintes; *And multi-colored rivers swelling with flower powered zee* (e rios multicoloridos inchando com flores de *Powered zee* [marca de papel higiênico]). O eu poético faz a poluição e degradação parecerem belas nestes versos, nota-se então mais um exemplo de ironia por parte do mesmo.

Are farmers sowing skulls and bones (fazendeiros estão serrando crânios e ossos) *and miners pulling from gaping holes* (e mineiros puxando de fendas profundas) *Green paper faces* (papeis com rostos esverdeados) *of a smiling English lady* (de uma sorridente lady inglesa). Estes versos precisam ser analisados em conjunto para que a alegoria construída pelo eu poético faça sentido. Aqui se pode ver a exploração das terras americanas pelos interesses econômicos das metrópoles e de seus colonos. Os crânios e ossos serrados podem ser interpretados como as árvores, as florestas que foram serradas postas a baixo para que em seu lugar fossem construídas cidades, pastos para o gado trazido da Europa e plantações para assim alimentar os habitantes recém chegados ao Novo Mundo, também pode-se referir a profanação de terras consideradas sagradas pelos nativos. A terra foi dominada e de nada valeu a resistência dos indígenas;

O verso que se refere aos mineiros que de minas profundas retiram papeis com a face esverdeada de uma sorridente lady inglesa remete a mineração e toda a riqueza mineral das Américas exploradas pelos colonos europeus e toda a cobiça desenfreada por parte das metrópoles colonizadoras.

Em sequência o poema ainda afirma “*the colossi in which they trust* (o colosso em que eles confiam) *while burying* (enquanto sepultam) *breathing forests and fields* (florestas e campos ainda vivos) *beneath concrete and steel* (embaixo de concreto e aço). Uma das possíveis leituras desta parte está no conceito de “Destino Manifesto” que é o pensamento no qual se expressa uma crença de que o povo dos Estados

[Digite texto]

Unidos é eleito por Deus para civilizar a América, e por isso o expansionismo americano é apenas o cumprimento da vontade Divina.

Deus escolheu a América para que aqui se construísse a sede do paraíso terrestre, por isso, a causa da América será sempre justa e nada de mal jamais lhe será imputado. Os colonos são os verdadeiros herdeiros do povo eleito, pois prestavam a Santa Fé. Nossa missão é liderar os exércitos de luz, caminharemos em direção aos futuros milênios. (RAMOS E MIRANDA, 2007 p. 2)

Seguindo esse pensamento nada ficava a frente dos colonos, florestas eram derrubadas, cidades construídas onde o verde antes dominava e os nativos habitantes originais das terras eram dizimados aos milhares por armas e doenças, além de terem suas culturas e línguas renegadas e muitas vezes destruídas.

O verso *Stand shaking fists* (em pé sacudindo os punhos) pode ser uma alusão à personagem protagonista do filme *Dança com lobos*, ‘Stands With a Fist (‘De Pé com Punho’) que era uma mocinha branca criada por nativos. *Dança com lobos* um filme estadunidense de 1990, dos gêneros drama e aventura, foi dirigido por Kevin Costner e baseado em romance de Michael Blake. O filme fez muito sucesso nos anos de 1990, época em que Armstrong compôs o poema *History lesson*, e pode ser considerado como uma perfeita representação do domínio branco sobre a cultura indígena uma vez que a tribo precisa da proteção de dois brancos para se manter.

O verso “*Waiting to mutilate whole civilizations*” (esperando para mutilar uma civilização inteira) sugere que em muitos casos povos indígenas eram dominados e aculturados não pelo uso da força, mas pela sutileza de missionários e presentes aos nativos. Muitos desses “amigos dos nativos” viviam entre eles na tentativa de catequizá-los e convertê-los não apenas para a religião cristã, mas também para a civilização europeia tida como ideal. Dessa maneira muitas culturas e até impérios pereceram, muitos pela força, mas a maioria pela sutileza e “amizade”. Os povos que aceitavam a oferta de amizade eram geralmente chamados de bons nativos. E em “*ten generations at a blow*” (dez gerações em um sopro) há a noção de que impérios que levaram séculos e até milênios para se erguerem caíram pelas armas ou pelos “presentes” europeus em menos de uma década após o descobrimento. Vale citar o exemplo do império inca e do asteca, destruídos e incorporados pelos espanhóis. Afinal de contas as

“feras” precisavam ser domesticadas como cita o historiador Sepúlveda em seu livro; “*Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios*”.

É por isso que as feras são domadas e submetidas ao império do homem. Por esta razão, o homem manda na mulher, o adulto, na criança, o pai, no filho: isto quer dizer que os mais poderosos e os perfeitos dominam os mais fracos e os mais imperfeitos. Constata-se esta mesma situação entre os homens; pois há os que, por natureza, são senhores e outros que, por natureza, são servos. Os que ultrapassam os outros pela prudência e pela razão, mesmo que não os dominem pela força física, são, pela própria natureza, os senhores; por outro lado, os preguiçosos, os espíritos lentos, mesmo quando têm as forças físicas para realizar todas as tarefas necessárias, são, por natureza, servos. E é justo e útil que sejam servos, e vemos que isto é sancionado pela própria lei divina. Pois está escrito no livro dos provérbios: ‘O tolo servirá o sábio’. Assim são as nações bárbaras e desumanas, estranhas à vida civil e aos costumes pacíficos. E sempre será justo e de acordo com o direito natural que essas pessoas sejam submetidas ao império de príncipes e de nações mais cultivadas e humanas, de modo que, graças à virtude dos últimos e à prudência de suas leis, eles abandonam a barbárie e se adaptam a uma vida mais humana e ao culto da virtude. E se recusa esse império, é permissível impô-lo por meio das armas, tal guerra será justa assim como o declara o direito natural. Concluindo, é justo, normal e de acordo com a lei natural que os homens ricos, inteligentes, virtuosos e humanos dominem todos os que não possuem estas virtudes. (SEPÚLVEDA, Juan Gínes. 1973. pg. 84-5.) (tradução nossa)

O poema é concluído com um lamento pelo ocorrido às terras e aos povos americanos. *Somewhere among the remains* (em algum lugar entre os remanescentes), *of skinless animals* (dos animais escalpelados), *is the termination to a long journey* (está o fim para a longa jornada), and *unholy search* (e uma busca profana), *for the Power* (por poder), *glimpsed in a garden* (vislumbrado em um jardim), *forever closed* (para sempre fechado), *forever lost* (para sempre perdido). O resultado da colonização foi uma América destruída e reconstruída a moda européia com todo seu ideal de civilização, um paraíso destruído e arruinado. A América na chegada dos europeus é comparada no poema a um jardim sagrado, o Eden talvez, um paraíso agora fechado e para sempre perdido. Interessante é observar que o paraíso parece estar perdido tanto para os nativos quanto para os não nativos.

Conclusão:

Como se observa no poema há varias forças que contribuem para a colonização da América, forças políticas, religiosas, econômicas, militares e lingüísticas. O que Armstrong parece fazer é uma tentativa de desconstruir as narrativas sobre colonização e tais forças. Conforme apontamos acima, o poema enfatiza as narrativas transmitidas oralmente, parecendo-se, até mesmo, com uma narrativa para crianças, forma que sugere a preocupação de apresentar outra versão para a história tida como oficial da chegada de Colombo à América. Tradicionalmente, o feito de Colombo é narrado como um evento glorioso. Assim, sob a perspectiva ocidental, a descoberta da América é um evento monumental, um dos maiores feitos da civilização européia. Ao dar um tom de oralidade ao poema, a escritora nativo-americana subverte o caráter de monumentalidade da história ocidental. Desse modo, o poema compara e contrasta duas formas de narrar que são historicamente diferentes. Uma delas provém da tradição ocidental, firmemente baseada nos relatos escritos. Outra é a tradição indígena que se fundamenta na oralidade e na prática de contar histórias. Assim, por sua forma e conteúdo, o poema de Armstrong aponta para dois modos diferentes de se pensar sobre o mundo e construir conhecimento. São diferentes epistemologias, que historicamente, tem entrado em choque, com sérias conseqüências não somente para os indígenas, mas para todo um mundo, o qual, teoricamente, deveria ser compartilhado por todos.

Referências:

ARMSTRONG, Jeannette C. *Blue against White: the disempowerment of first native American people and empowerment through their writing*. [S.l.] OXFORD UP, 2005.

ARMSTRONG, Jeannette. "Land Speaking." *Speaking for the Generations: Native Writers on Writing*. Ed. Simon J. Ortiz. Tucson: U of Arizona P, 1998. 174–194.

BARRY, Peter, *Beginning Theory: An introduction to literary and cultural theory*; first edition; (Manchester; Manchester University Press; 1995).
BHABHA, Homi. 1994. *The Location of Culture*. London & New York: Routledge.

BHABHA, Homi. 1998. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

FANON, FRANTZ. 1967. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Printed in EU by Antony Rowe.

FROUDE, James Anthony. 1860, *History of England from the Fall of Wolsey to the Defeat of the Spanish Armada*. OXFORD UNIVERSITY PRESS.

HIGHWAY, Tomson. 2003. *Comparing Mythologies* – Toronto University press 2003.

MORTON, DESMOND. 1983. Breve História do Canadá. Canada Copyright.

RAMOS, André L. A. E MIRANDA, Augusto R.A. RELIGIÃO CIVIL, DESTINO MANIFESTO E POLÍTICA EXPANSIONISTA ESTADUNIDENSE. UFC 2007.

SAID, Edward W. Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente, SP: Companhia das Letras, 2007. Primeira edição-1978.

_____. *Cultura e Imperialismo*, SP: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Companhia das Letras, 2003.

_____. *The Question of Palestine*, Nova York: Times Books, 1980.

SEPÚLVEDA, Juan Gínes. 1973. *Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los índios*. VALLADOLID 1973.

SIMON, Sherry. 1999. *Hybridité Culturelle*. Montréal: L'Île de la tortueet Sherry Simon.

SPIVAK, G. 1990. Postcoloniality and value. In: P. Collier e Gaya-Ryan (Eds.) *Literary Theory Today*. Chicago: University of Chicago Press.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YOUNG, Robert J.C. 1990. *White Mithologies: Writing History and the West*. London & New York: Routledge.

WALDER, Denis, Ed. *Literature in the modern world* (OXFORD UNIVERSITY press, 1990).

Consultas on-line

ARMSTRONG, J. (Interviewee) & HALL, D. E. (Interviewer). (2007). *Native Perspectives on Sustainability: Jeannette Armstrong (Syilx)* [Interview transcript]. Retrieved from the

Native Perspectives on Sustainability project website: www.nativeperspectives.net

HOJE NA HISTÓRIA: 1492, Cristóvão Colombo descobre a América <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/6911/conteudo+opera.shtml>.

University of Minnesota:

<http://voices.cla.umn.edu/artistpages/armstrongJeannette.php>